

A família e o matrimónio

Tópicos utópicos

JOSÉ DA SILVA LIMA

Vou inscrever o meu estudo no tecido social contemporâneo, procurando fazer teologia com a realidade que nos é dada hoje no panorama social que as famílias protagonizam. Assim, responderei ao tema de forma precisa numa última parte deste estudo (fase mais utópica), iniciando com dois tópicos de teor mais analítico, um olhando para o que envolve a família contemporânea, outro admitindo o que está a chegar como novo modelo. Procurarei fazer Teologia, no sentido de escutar gritos e desejos de hoje onde a Boa Nova do Matrimónio poderá ter um lugar muito desejado. Estou também persuadido que os últimos dez anos são ricos em sinais de uma mudança em curso, depois da experiência das gerações X e *babyboomers*, atreladas à facilidade, à abundância, ao consumo e a alguma irreflexão.

1. Silêncio de alguns obstáculos

Falarei mais propriamente em silêncio de um envolvimento, no sentido bem determinado de um ambiente de recepção da família, voltado de costas para ela num conjunto de obstáculos que a golpeiam e que também, paradoxalmente, poderão indiciar a sua busca. Recordo o diálogo com alguém, que depois de ter escutado uma reflexão sobre o modelo de família à luz do Evangelho, me dizia que a utopia era elevada demasiadamente, e os empecilhos para fazer dela uma prática eram de uma ordem de grandeza tal que pareciam intransponíveis. Esta

mulher de quem falo, hoje vive em família cristã, de forma coerente, ultrapassando o que parecia impossível, mas falava-me de uma recepção do modelo quase inoperante, dando nomes aos obstáculos. A reflexão auxiliou a passagem para uma recepção possível, mas difícil. É nesta ordem de histórias reais que gostaria agora de os nomear, fazer a sua listagem e acreditar que dizê-los é já o início de um caminho novo.

Difícil é quebrar o silêncio de um «self» instalado, de um indivíduo com alguns poderes de sobrevivência e que vai morando de forma insensível numa ilha envolvida apenas daquilo que é seu. Perdeu, ao longo do caminho, a fonte que o originou, fabricou para si um mundo muito próprio com algumas referências de longevidade, de riqueza, de sucesso, mas afastado de qualquer terreno alheio, sem operações de transacção, sem espaço territorial outro, sem uma moldura, mas apenas com o seu retrato, vazio, simpático e de auto-satisfação. Instalou-se numa lógica de tipo narcisista; usa a verdade do que gosta e do que é útil; dificilmente tolera que outro lhe bata à porta querendo algo em nome de outra verdade que não a sua; admite com dificuldade atitudes de abertura e não sabe conjugar o verbo «dar», mas prefere de longe o verbo «possuir»¹. Não sabe ler senão o que ele próprio produz; cita-se muito e arrebatava o topo das suas preferências, isolado que está num pequeno mundo limitado, com horizontes de curta distância e reivindicando o sucesso permanente. Não conhece precedências senão a sua e dedica-se cuidadosamente ao arranjo do seu próprio altar. Nem precisa de ter grandes devotos; ao seu culto basta o seu santo, o seu ícone pessoal. Joga numa trajectória de conquista na qual conta sobretudo que não haja danos para a sua imagem. Gosta imenso de descobrir as suas capacidades adormecidas como trunfo para ir mais além. Assim, se estuda alguma coisa, é no ramo da psicologia, conjugando moda e bem-estar pessoal. Nesta lógica, a família tem interesse e lugar, se está ao seu serviço, como em hotel e restaurante, se as suas prioridades interessam aos outros e se estes sabem ajudá-lo a ser o centro das atenções e o santo mais querido, menos prejudicado e menos incomodado. Este primeiro traço do silêncio do envolvimento joga muito na percepção da realidade, servindo a família na medida em que deixa adormecer nesta instalação de tipo individualista.

Tal traço cedo deixa transparecer um outro que é seu colega e que se desenvolve também de forma silenciosa, sobretudo quando a ilha é bem povoada de bens de consumo e quando a abundância não deixa dúvidas a uma instalação

¹ Cf. CEP – *A família, esperança da Igreja e do mundo*. Lisboa: Secretariado da CEP, 2004, nº 11, 11. Cf. também MORCILLO, A. – «Incidência social de las familias monoparentales». In *Familia en un mundo cambiante*. Salamanca: Universidade, 1994, 62.

egolátrica. É o traço de um desejo sempre satisfeito de madrugada: chamam-lhe «cultura do prazer», orientada para «a satisfação imediata e egoísta dos próprios anseios e desejos»². O tempo não decorre suficientemente para que haja amadurecimento da vontade que deseja, mas o momento permite a fruição. As normas e interditos chegam atrasados, pois os desejos morrem sempre de madrugada, de repente, em velocidade instantânea; o desejo não nasce para crescer ao longo do dia, mas para o prazer de um «flash», pois está na asa de um comando virtual. Daí a transformação de tudo em «coisa», manipulável e regulável, ao alcance de mão e num instante precoce que não deixa dúvidas. A família só tem interesse se serve este objectivo, satisfazendo a precocidade do desejo. Usa-se como banheira gratuita e pronta, onde o prazer do banho desconhece quem limpa ou quem arruma; passa-se por lá para comer um chocolate ou buscar qualquer coisa, despreocupados com a origem, com a dispensa, com toda a máquina que proporciona aquele momento. O que conta é o momento, numa circunstância silenciosa que dá mais força ao indivíduo. A família, neste regime de instalação, é o lugar onde os outros fazem algo por mim não me pedindo reconhecimento nem gratidão, sob pena de me verem mudar de porta. O relacionamento para o crescimento não tem interesse nem se lhe vê o interesse, dado que tudo é coisa para fruir. O paroxismo desta lógica, na dinâmica do prazer, está na invenção do sexo como coisa, na sua troca, na sua manipulação, alterando os recados simbólicos que ele integra. Neste campo, a família é autêntico lugar de tabu, sendo o sexo uma realidade vivida fora, longe do olhar daqueles que poderiam educar para o amor como valor; o sexo é uma coisa de mercado que também potencia o bem-estar individualista e cujos adereços fazem parte de uma espécie de supermercado de felicidade na ilha que se habita.

Da antropologia, sabe-se que nenhuma pessoa tem sexo, no sentido de que ninguém pode dispensá-lo como se fosse um *anexo* de si mesmo. A pessoa é sexuada e não existe ninguém sem esta dimensão integrante que o faz ser de uma forma determinada. É certo que a sociedade do fim do século passado é altamente fabricante e manipuladora, o que explica de algum modo este silêncio contextual do sexo dado como propriedade, de que agora se gosta e logo se manipula, se transforma, se vende e se troca. As cirurgias neste campo são o sinal último de seres humanos que mendigam uma identidade da qual pudessem ser donos, afastados da dádiva e longe de todo um processo de recepção e de toda a gratuidade como corolário do dom. Muitos dos documentos da comunicação social, como fenómeno indicador de uma produção maximizada, aparecem como distintivos de uma fábrica permanente de sexo, sendo actores e actrizes,

² Cf. *Ibidem*.

aquelas máquinas automáticas que permitem e se satisfazem com este objecto novo de consumo. Tal tipo de envolvimento é tanto mais radical e sedutor quanto é o nível acrítico em que labora, apesar de algumas instâncias sociais (mormente a Igreja e certas associações) alertarem de forma oportuna para tais desvios, alertas escondidos e negligenciados. Não se estranha, por isso, que na linguagem comum se remeta o sexo para o campo privado de produção e que os serviços sociais de apoio sejam de índole técnica e higiênica com normas de temperança saudável ou de fruição em limites sustentáveis. A ausência de uma ética de alteridade é suplantada por uma estética de propriedade, como se para cada pessoa o ter fosse prioridade em relação ao ser e a própria relação fosse apenas definida num processo de conquista. Ora, está aqui um destes processos silenciosos que mata o mais elementar do humano, fazendo do corpo propriedade e retirando-lhe aquela dimensão sacramental que o distingue, onde cada pessoa se manifesta singularmente na identidade de homem ou mulher.

Numa perspectiva antropológica de distinção, no ser humano o corpo não é do registo da propriedade, nem da esfera do ter, do possuir. Nenhum ser humano é sem ele, nem sem ele se pode manifestar, nem o pode dispensar continuando a ser, nem o pode mandar descansar enquanto trabalha, nem muito menos o pode deitar fora sem se deitar fora. Com o sexo, o caminho é o mesmo. Ninguém vive sem ele, nem se pode manifestar na sua ausência, nem tão pouco o pode vender para mais possuir, nem aliená-lo continuando a ser. Exprime-se nele aquela condição de visibilidade que cada ser humano integra, sendo nele e com ele uma pessoa irrepitível. Trata-se de uma realidade do registo do ser, da sua sacramentalidade, entendida esta como cifra de personalidade no feminino ou no masculino. Hoje, o poder técnico chegou à sua manipulação, mas nem as cirurgias mais sofisticadas levaram a bom termo o fabrico de uma pessoa na ausência de uma marca sexual e os exemplos de transformação que hoje conhecemos não são conseguidos senão de forma exterior, o que confirma que o sexo diz respeito também à interioridade e que, por isso, qualquer tentativa de alteração deixa marcas de fracasso nos gestos, na voz e na postura. Nas aventuras que marcam a passagem do milénio neste sector há sobretudo, e indelevelmente, marcas de desilusão e sinais de naufrágio³.

Se o ter enquadra o agir humano e se a propriedade configura a sua história, não se pode tratar dos novos donos do mundo sob pena da iminência de uma derrocada. Como o corpo não se tem, também as pessoas não se pos-

³ Não é por acaso que Madona hoje vai escrevendo sobre crianças, talvez num processo de recuperação desesperada da sua empresa em falência, a do sexo como propriedade.

suem, outra miragem a dissipar. Ninguém tem ninguém para si, para guardar e gerir de forma privada. As pessoas vivem numa rede solidária de prestações de serviços, de estima e de empatia, de indiferenças ou de hostilidade, sendo estas últimas o negativo das primeiras. Quando se procura possuir uma pessoa só se consegue o negócio em parte por despotismo ou por escravidão, nunca se possui plenamente, pois existe parte nela incapaz de se submeter. Fazer escravos é tentar matar pessoas para gerar autómatos, é esconder o invisível na tentativa de o tornar objecto tratável, é fazer como se de um produto se tratasse. A tentativa é sempre parcelar e dependente das condições históricas de tal produção aberrante. As palavras neste campo, e repetidas vezes, revelam alguma traição: o namorado que diz ter namorada é traído na formulação, já que se a dispensasse não seria namorado; quando muito é namorado porque entrou na rede de comunicação com uma rapariga. O pai não tem um filho, mas é pai na medida em que entra na rede de relação com o filho; não é pai senão nesta relação. O marido não tem esposa, mas é marido num relacionamento de reciprocidade; quando a vende ou a dispensa, deixa de ser. As palavras, por vezes, são traidoras. No sacramento, não se dirá «aceitas ter como esposa», mas diz-se «aceitas receber como esposa...», numa intenção bem precisa de manter a distinção humana.⁴

2. Os ventos da América

No silêncio do envolvimento, há sinais de mudança, prelúdios de um ideal que terá mais iniciados, de uma meta alta com mais adeptos disponíveis. De facto, nos ambientes contemporâneos, há gerações com outros horizontes e há sinais nelas de um aborrecimento enfatizado daquele estado das coisas de que se falou.

«Toda a sociedade americana, a nível das convicções culturais» está fora dos efeitos secundários de uma filosofia baseada no princípio «se te dá prazer, não hesites em fazê-lo», princípio que imperou nas zonas desfavorecidas e nas famílias de toda a classe média⁵. Começa-se agora a encarar de forma mais favorável «virtudes como a prudência, o autocontrolo, o compromisso e a responsabilidade», sobretudo em tendências relativas à criminalidade, ao sexo, à droga e ao consumo de álcool. Apercebe-se um novo *zeitgeist* cultural, já presente

⁴ Isto significa *acolher* e desenvolver uma relação, o que é próprio do dinamismo de quem «se acolhe» e «acolhe».

⁵ Neste capítulo, a reflexão que se apresenta andar próxima do texto de Hymowitz, Kay S. – «A nova cultura está a mudar. Os anos 60 já lá vão». *Nova cidadania*, 7 (27). 2006, 44-52.

na geração dos jovens do milénio (*millennials*): procuram eles mais autoridade e 67% dos adolescentes «dão 20 valores à mãe» num inquérito da *American Demographics* de 2003⁶, procurando que sejam os pais a partilhar conselhos sobre o sexo. Quando se pergunta se se «dão bem com a própria família», o resultado de respostas afirmativas é nunca visto, revelando estar de costas voltadas para com os valores da precedente geração dos anos 60. O mesmo se diga quando se pergunta «se acreditam nos valores dos pais» ou quando respondem que «estão agradecidos» aos pais que os ajudam a tomar decisões importantes sobre a sua própria vida. Nota-se, assim, um regresso à importância dos pais, ao seu conselho, ao seu ambiente e aos valores da família como tal.

Jovens e sexo

Entre os nascidos nos finais do século XX (1981-1999), a geração do milénio, apura-se um regresso a valores considerados esquecidos nos «*sixties*»: «adoram os pais, querem ser bem sucedidos, são optimistas e confiantes, colaboram, são cumpridores e têm consciência cívica»⁷. A taxa de homicídios, como indicador, é relevante, pois entre 1993 e 2001, ela desce de 70% e a dos crimes violentos cometidos por jovens desce em 2001 44% em relação a 1994, situando-se no nível mais baixo de sempre desde 1983. As detenções de jovens por roubo com arrombamento diminuíram 66% no mesmo período. O vandalismo desce para o nível mais baixo das últimas décadas e os crimes nas escolas, apesar de alguns flashes dos media, desceram também de 50%. Há sinais evidentes de uma geração que se distancia dos comportamentos sociais dos anos 60-70 do século passado: no princípio deste milénio, «os adolescentes americanos começaram a beber menos»; nos finais da última década do século passado, a percentagem de consumo de marijuana começou a diminuir e todas as outras substâncias ilícitas diminuíram de 11% entre 2001 e 2003. O sexo deixou de ser, como se pensou, «algo de impossível de controlar»: entre os adolescentes, a percentagem de gravidezes fora do casamento baixou 28%, sobretudo nas raparigas com idades entre 15 e 19 anos⁸. A taxa de aborto diminuiu de um terço no mesmo período. O controlo da natalidade é uma prática em crescimento entre os jovens americanos, mas «há um número ainda maior que está simplesmente a recusar ter relações sexuais, bem como a evitar a marijuana e a cerveja. No âmbito da relação sexual entre adolescentes, de 1991 a 2001, a percentagem

⁶ Cf. *Ibidem*, 46-47.

⁷ *Ibidem*, 45.

⁸ Resumo de *Ibidem*.

desceu 8 pontos, de 54 para 46%. Está a chegar uma geração que tirou uma boa lição da pílula: «não é a tecnologia que modifica o comportamento sexual. É a cultura»⁹. A geração do milénio é mais puritana, pois nos últimos 15 anos, os jovens começaram a aceitar menos as relações sexuais ocasionais, segundo o inquérito anual da «*American Freshman*». Diminuiu de 10% o número daqueles estudantes em cursos superiores que concordavam com a afirmação «se duas pessoas gostam mesmo uma da outra, não tem mal nenhum terem relações sexuais mesmo que se conheçam há muito pouco tempo» e, mais ainda, 92% dos adolescentes consideram ser importante «receber mensagens enérgicas da sociedade de que não devam ter relações sexuais antes de terem concluído o ensino secundário», parecendo acreditar cada vez mais «no mérito da abstinência»¹⁰. Estas convicções reforçam mutuamente atitudes e valores.

Família e casamento

Num inquérito realizado junto de finalistas universitários¹¹, quando se olha para a família, a geração que agora chega é de um «enorme sentimentalismo»: 81% pensam casar; 83% afirmam que «casar é um objectivo muito importante na vida» e 99% esperam ter filhos, numa média de três, pensando que «é extremamente ou muito importante ter um bom casamento e uma boa vida de família». Tal sentimento pela família e pelo casamento é tanto mais radical quando nasce numa geração de pessoas que cresceram «numa altura em que a instituição (família) se estava a desmoronar». Pode afirmar-se que os «americanos em idade de casar, são fanáticos do casamento»¹², afirmando a 2/3 que «é melhor para os filhos os pais serem casados» e não vendo já com bons olhos o divórcio, mas revendo-se na afirmação deste jovem de 18 anos (Nic Carothers), filho de pais divorciados: «o meu pai não era um homem muito responsável. Quero ser um pai melhor, quando chegar o momento para isso». E muitos pais revêm-se na convicção da Dr.^a Laura, a apresentadora de um *talk show*: «agir correctamente para com um filho significa mais do que comprar-lhe o último modelo de capacete para bicicleta ou conseguir que ele faça parte do melhor equipa de futebol... Significa empenharmo-nos inteiramente no casamento que o fez nascer», o que significa que se assiste ao regresso «ao casamento» como

⁹ *Ibidem*, 46.

¹⁰ Cf. *Ibidem*.

¹¹ Cf. *Ibidem*, 48.

¹² *Ibidem*.

¹³ Cf. sucessivamente, *Ibidem*, 49.

«um dos recursos mais benéficos para os adultos e as crianças»¹³. Assim, pode afirmar-se que «os homens e mulheres na casa dos 30, que são os jovens pais e mães de hoje, apresentam todos os indícios de quererem manter bem acesa a chama da família»¹⁴, vivendo algures na nostalgia da infância. Há numerosas mães que afirmam querer trocar o emprego pelo cuidado com os filhos, quando a situação financeira o permitir, o que aparece bem claro em alguns artigos da *Time*, sobretudo revelando a tendência dos profissionais liberais para ficarem em casa. Aliás, por toda a América, a «formação do carácter» é prioridade em todas as escolas oficiais, os escuteiros são uma aposta de interesse por toda a parte e prossegue a sensação colectiva, no dizer de *Washington Times*, de que «os pais e as comunidades estão a regressar a actividades baseadas em valores»¹⁵. Parece estar a chegar a hora de uma geração de «gente trabalhadora» que, depois de vinte anos de intoxicação nas indústrias do sexo, da violência e do espectáculo, «é menos violenta, menos ordinária e está menos voltada para o sexo do que a cultura popular que os adultos estão a produzir para ela»¹⁶. Talvez seja a geração que apresenta queixa contra o mundo que os seus pais – os *baby boomers* – construíram. Assim, não admira que a geração do milénio reaja ao divórcio e à família monoparental, atribuindo séria importância ao casamento e à família como «grande esteio num século XXI em permanente mudança»¹⁷. Muito popular na série da cadeia de Televisão WB, *Rory* é a filha de *Lorelay Gilmore*, a que representa a nova geração sendo a filha de uma mãe solteira aos 16 anos; incarna uma geração de gente sóbria, respeitadora, trabalhadora e casta. *Gilmore Girls*, a série, mostra bem, semanalmente, que quem tem futuro prometedor é *Rory* e não a mãe a lutar contra os traumas da infância¹⁸. «O sexo já não vende: é o recato que está na moda». «O que está a surgir é uma sociedade vigorosa, optimista, centrada na família, empresarial e preocupada com a moral». Quem não viu «O Senhor dos Anéis», a batalha mítica em que o bem derrota o mal ou «O lado longínquo do mundo» onde a disciplina e a autoridade patriarcal regressam?¹⁹

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*, 50.

¹⁶ Cf. *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*, 51.

¹⁸ Cf. *Ibidem*, 52.

¹⁹ *Ibidem*, 44.

3. Tempo novo para a família

Está a chegar esta geração? Acredito que sim, mais cedo ou mais tarde, e que constituirá um novo terreno propício para o Evangelho, do lado da opção pela identidade pessoal, do lado do respeito entre os seres humanos, escolhendo a honestidade e recuperando os princípios éticos que estão na origem da própria vida. Acredito que sim, e é neste horizonte que ousar falar de Teologia, como projecto sempre utópico e, para alguns, muito ideológico. Projecto que talvez tenha auditório num cenário carregado de Esperança, virtude com sinais evidentes hoje. Acredito que o que se diz a partir daquilo que Deus revela ao longo da nossa história é uma possibilidade nova para o mundo de hoje e, por isso, partilho alguns destes tópicos, fazendo da família «esperança da Igreja e do Mundo», como o dizem os Bispos Portugueses²⁰.

Família e recepção

O Evangelho continuará a ser anunciado, sem trégua, já que é o Espírito que preside ao movimento da Igreja e, quando esta se situa em relação à sua missão, com ousadia, a semente que semeia há-de desenvolver. Todo o ser humano, quando pensa, dá-se conta de que não é fruto do acaso, mas toma consciência de outros, de uma história, de um território, de um berço que lhe estão na origem. A sua primeira percepção não é a de um vazio no qual foi arremessado, mas a de um berço no qual foi singularmente embalado, mesmo que a sua história seja a de uma circunstância anormal na trajectória do universo. A família não é, de facto, uma invenção da humanidade; é, sobretudo, o espaço social no qual cada um se descobre e sabe que o não escolheu, mas que lhe foi dado, sem que para ele tenha contribuído. A família é dom de origem, é berço previamente enfeitado, é tópico dado já que cada um vive num lugar. E, em primeiro lugar, este berço é formado por pessoas que rapidamente se aprende a nomear. A primeira experiência, ainda sem ideologia legitimadora, é a da graça que tudo precede, a do dom que lhe está na origem, a da recepção da vida que se vai descobrindo. A circunstância de origem é dada, ninguém a escolhe, mas descobre-a construindo a sua própria história. Sem ideologia, na origem está algo ou alguém que não se sabe nomear, mas de cujo nome depende muito o sentido de tudo o que se realizará. Ninguém escolhe onde nasce, nem de quem nasce. Tudo isto lhe é atribuído como excesso, sem que haja mérito algum. E é também por excesso que o sabe nomear, já que só quem está na origem pode dizer quem é. Os pais dão-se a conhecer, como o Pai, na origem de tudo, tam-

²⁰ Título da Carta Pastoral da CEP – *A Família, Esperança...*

bém se revela para os que O recebem. Assim, Deus não é imposto, mas apenas recebido na trajetória de um ser humano que se descobre como dom. Ninguém escolheu os pais, como ninguém escolhe o Pai, mas é o Pai que escolhe alguém. A certeza que o Pai dá é que escolhe sempre alguém, não para o reter, nem para fazer cópias, mas na e pela glória de ser imagem e semelhança. No ponto de origem, quem se revela não é sedutor, mas educador, instigando sempre a uma saída singular, já que na origem não está o ciúme, mas a dádiva partilhada, a comunhão pessoal de uma família criadora.

Chamamento e responsabilidade

Os pais não surgem na sequência de uma iniciativa própria, mas na descoberta responsável da relação originante. Quando a descobrem, não podem ser senão fecundos, pois recebem da fecundidade do Criador em comunhão. Assim, homem e mulher não são diferentes por acaso, mas porque reflectem a diferença na relação da Trindade; são imagem e semelhança na diferença. Neste sentido, quando é o Evangelho que está em causa, a missão criadora não é um apêndice ao ser humano, nem uma tarefa de importância secundária. Tal missão reflecte a imagem e semelhança, na liberdade de ser co-criador de pessoas diversificadas, mas sempre por chamamento, o lugar genuíno da Liberdade, tal como no seio da Trindade. Ser pai, ser mãe, responde sempre a um duplo chamamento, o da origem sem o qual não se é e o da história sem o qual não se existe. Por isto se vê que ser pai e ser mãe não é reivindicar autonomia para fazer o que se quer, mas situar-se como criatura, atenta àquela voz interior que chama tornando responsável, isto é que exige resposta criadora. Não são pai e mãe, os mestres da vida, nem dela detêm o monopólio. A vida é também dada na resposta ao chamamento e em cada criança que nasce se encontra a marca indelével da Trindade, sendo que «os vossos filhos não são vossos», como diz o Profeta Gibran, mas são como «setas» em vós que reclamam o berço trinitário como berço da vida. Em cada pai e mãe há uma resposta ao chamamento, fecunda na família e no seu crescimento, qual sinal do seu enraizamento no mistério da vida; os pais, a família e o seu crescimento aparecem como respostas concretas àquela palavra inicial «faça-se», e tudo foi feito e era bom. Não se concebe a família sem liberdade sponsorial, que constitui a réplica àquela resposta livre na escuta da Voz. A liberdade sponsorial no início da família está marcada por aquela boda também sponsorial que vincula cada criatura ao seu berço divino. O Evangelho não é senão a explicitação desta beleza radical que marca as criaturas na origem e é também por isso que hoje ele regressa com vigor e fulgor.

Liberdade e sinal

Cada família é assim o resultado de um desejo que se enraíza no mistério divino, o que explica de certa forma o facto de nenhum casal ser capaz de explicitar as razões da sua escolha. As histórias contadas da escolha nupcial, sobretudo hoje, apontam para uma espécie de «clic» talvez divino, mas sobretudo enigmático, que proporciona a dois seres humanos uma trajetória comum. Também nisto há um certo arremesso da Liberdade como doação. Depois pondera-se, escuta-se, conversa-se para recuar ou avançar, mas o início (seja este ou o seguinte) parece sempre ser dado (e isto nas narrativas que dele falam). A escolha é também recebida, e é-o tanto mais quanto mais homem e mulher não esqueceram a sua rota fundacional. É assim que um casal é sacramento de amor trinitário, o único fecundo e abundante, o único que salva o mundo celebrando com ele a boda sponsorial da Páscoa. E como Deus não deixa de o ser (senão quando pensado em simulacros), também o sacramento sponsorial é indissolúvel, não deixando de o ser senão em simulacros. O sacramento, qual sinal nas criaturas da beleza que encerram, não se usa nem se desfaz, como se de objecto se tratasse. É aquela realidade relacional que se constrói e fortalece na medida da atracção fatal com o outro lado de si, na medida da capacidade simbólica que não se desgasta com o uso. Quando se diz uno e indissolúvel aponta-se para a realidade divina que o potencia, que é una e que nunca se desfaz. O sacramento nunca se tem, mas é projecto do qual apenas pode haver esquecimento. E há provas sociais deste esquecimento, como dramas sem solução e também como ilusões de miragem. Não que o sacramento deixe de o ser por tal facto, mas apenas enfraquecem as suas consequências por esquecimento. E uma das maiores dificuldades neste ou noutros campos, é o esquecimento daquilo que se é e que se traduz naquilo que se assume. Quando se esquece o sacramento é porque cada homem ou mulher se esquece primeiro de si, enredado nos afazeres que o afligem.

A reciprocidade

A família, nascida do matrimónio, é o primeiro lugar de reciprocidade, à imagem da Trindade da qual o sacramento é vislumbre. Não se percebe nada na família senão em regime de circularidade recíproca, onde cada um não é senão na trajetória do outro a partir do qual se diz. O filho é fruto da reciprocidade do pai e da mãe e também nem a maternidade nem a paternidade são exclusivas e autónomas, mas recíprocas. Também nesta ordem há esquecimento, como se fosse possível surgir a maternidade sem a filiação ou a paternidade sem paternidade. Há esquecimentos ou suas tentativas traduzidas nas monoparen-

talidades, por exemplo. Ser pai, ser mãe, ser filho, ser filha é sempre recíproco, sendo tanto mais desenvolvidos quanto maior é a relacionalidade. Mas, esta supõe sempre a diferença, sendo que, por acto criador, esta diferença é também de género na fundação. Assim, por inscrição nos flashes de uma revelação dentro da história, não se concebe que seja possível ser ícone do amor infinito de Deus senão na relacionalidade que supõe tal diferença e a partir da qual a criação se prolonga. Assim, quando em supostos casais falta tal diferença, o obstáculo é intransponível: a marca criadora falha e a prática passa a ser de uso ou de abuso do esquecimento. Está então de novo à prova a beleza de uma identidade, patenteando-se o grotesco de uma semelhança deteriorada. E se hoje o terreno humano é mais propício ao ideal do Evangelho, passará o tempo de algumas deteriorações que aparecem como sinal de uma involução e da queda inglória de uma cultura.

A cultura que nasce neste novo milénio traz outros sinais. Haverá homens mais reconciliados e mulheres mais reconciliadas consigo, com a humanidade. Espero que esteja a chegar um tempo mais propício ao Evangelho, numa cultura mais autêntica. Um tempo mais favorável à família nascida do matrimónio. Creio que está a chegar. E se me queixo, é só no seguimento de A. Baptista: «Queixo-me da ligeireza, da fuga e da facilidade com que o homem pretende adiar indefinidamente o grande, exigente e revolucionário encontro que tem marcado consigo próprio desde o sétimo dia da criação»²¹.

Termino com o mesmo autor: «Aquele em que acredito entregou-nos a nós a nossa salvação com a promessa da Verdade a conhecer no fim dos tempos mas, até lá, deixou-nos a liberdade a marinhar por um labirinto de dúvidas e de perguntas com honestidade e não com soluções. (...) O que peço a Deus é que me conceda viver a procurá-Lo na serenidade»²².

²¹ ALÇADA BAPTISTA, A. – *Peregrinação Interior I*. Lisboa: Presença, 2002, 56.

²² *Ibidem*, 217-218.

Sugestão bibliográfica

- ALÇADA BAPTISTA, A. – *Peregrinação Interior I*. Lisboa: Presença, 2002.
- BOROBIO, Dionísio – *Família e interculturalidade*. Salamanca: Universidade Pontifícia, 2003.
- BOROBIO, Dionísio (Coord.) – *Família en un mundo cambiante*. Salamanca: Universidade Pontifícia, 1994.
- CEP – *A família, esperança da Igreja e do Mundo*. Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2004.
- CURY, Augusto – *Pais brilhantes, Professores fascinantes*. Cascais: Pergaminho, 2004.
- CUTSEM, Chantal Van – *A família recomposta: entre o desafio e a incerteza*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- JOÃO PAULO II – *A dignidade e a vocação da mulher*. Lisboa: Paulistas, 1988.
- *Carta às famílias*. Lisboa: Rei dos Livros, 1994.
- *Familiaris Consortio*. Braga: A. O., 1985.
- ROUSSEL, Louis – *La famille incertaine*. Paris : Ed. Odile Jacob, 1989.
- SANTA SÉ – *Carta dos Direitos da Família*. Braga: A. O., 1983.
- SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO –
- A família: situações difíceis*. Lisboa: Rei dos Livros, 1995.
- A família: serviço à vida*. Lisboa: Rei dos Livros, 1994.
- A família: futuro da humanidade*. Lisboa: Rei dos Livros, 1994.
- A família: comunidade de amor e de vida*. Lisboa: Rei dos Livros, 1994.